***The Pilgrim's Progress* ("O Peregrino"), de John Bunyan, e a Bíblia**

José Adriano Filho*

Resumo

Este artigo analisa a presença da Bíblia no livro *The Pilgrim's Progress* (Londres, 1678), uma narrativa alegórica de peregrinação, cujas personagens caminham através da narrativa da Sagrada Escritura. Seu autor, John Bunyan, baseia sua fé no poder transformador da história que criou, devido à sua fé no poder transformador da história narrada na Bíblia. *The Pilgrim's Progress* é uma narrativa de uma jornada num mundo criado por palavras e histórias. Cristão, o protagonista, precisa discernir os sinais à sua volta, narrar sua própria história corretamente e seu relato conduz as personagens que o seguem em sua jornada. O livro é um relato simbólico das várias etapas, dos avanços e das retrogressões, das vitórias e das quedas que caracterizam o caminho percorrido em busca da salvação.

Palavras-chave: *O Peregrino*. Literatura. Alegoria. Recepção da Bíblia.

***The Pilgrim's Progress*, by John Bunyan, and The Bible**

Abstract

This article analyzes the presence of the Bible in *The Pilgrim's Progress* (London, 1678), an allegorical pilgrimage narrative whose characters walk through the narrative of Holy Scripture. Its author, John Bunyan, bases his faith on the transforming power of the story he created because of his faith in the transforming power of the story narrated in the Bible. *The Pilgrim's Progress* is a narrative of a journey in a world created by words and stories. Christian, the protagonist, must discern the signs around him, tell his own story correctly, and his account leads the characters who follow him on his journey. The book is a symbolic account of the various stages, advances and retrogressions, victories and falls that characterize the path taken in search of salvation.

Keywords: *The Pilgrim's Progress*. Literature. Allegory. Bible Reception.

* Doutor em Ciências da Religião (UMESP); doutor em Teoria e História literária (UNICAMP); professor da Faculdade Unida de Vitória.

El Progreso del Peregrino, de John Bunyan, y La Biblia

Resumen

Este artículo analiza la presencia de la Biblia en *The Pilgrim's Progress* (Londres, 1678), una narración de peregrinación alegórica, cuyos personajes caminan a través de la narración de la Sagrada Escritura. Su autor, John Bunyan, basa su fe en el poder transformador de la historia que creó debido a su fe en el poder transformador de la historia narrada en la Biblia. *The Pilgrim's Progress* es una narración de un viaje en un mundo creado por palabras e historias. Cristiano, el protagonista, debe discernir los signos que lo rodean, contar su propia historia correctamente y su relato lleva a los personajes que lo siguen en su viaje. El libro es un relato simbólico de las diversas etapas, avances y retrocesos, victorias y caídas que caracterizan el camino recorrido en busca de la salvación.

Palabras clave: *The Pilgrim's Progress*. Literatura. Alegoría. Recepción de la Biblia.

Introdução

The Pilgrim's Progress (*O Peregrino*, Londres, 1678), um clássico da literatura espiritual em língua inglesa, é a primeira parte da obra de um autor que pertence à corrente puritana do protestantismo inglês, John Bunyan (1628-1688). O livro, que apresenta uma jornada física e uma progressão espiritual, foi construído segundo o expediente didático da alegoria e do recurso narrativo do sonho, os mesmos procedimentos retórico-formais utilizados no século XIV, por Guillaume de Digulleville, monge cisterciense, da abadia de Chaalis, que escreveu a trilogia alegórica *Pèlerinage de Vie Humaine* (1330, 1355), uma alegoria da vida cristã, estruturada como o sonho de um peregrino a caminho da cidade celestial, *Le Pèlerinage de l'Ame* (1355), que descreve uma viagem durante a qual o Peregrino é conduzido ao Inferno antes de ir ao Purgatório e, por fim, ao Paraíso, e *Le Pèlerinage de Jésus-Christ* (1358), que refunde a narrativa dos Evangelhos como a história da peregrinação do próprio Deus na terra (WHAREY, 1904, p. 1-17; ADRIANO FILHO, 2015, p. 329-354).

A peregrinação narrada por Bunyan é um relato simbólico das “várias etapas, dos avanços – do progresso” – e das retrocessões, das vitórias e das quedas que caracterizam uma demanda” (“o caminho percorrido em busca da salvação”), neste caso, “anímica, mental, de uma verdade espiritual última, ontologicamente determinada, pressentida como chamamento divino que se subsume ao diagrama axiológico do cristianismo protestante de índole puritana” (REIS, 2007, p. 204): “O que superficialmente se apresenta, escreve Roger Sharrock, como uma série de aventuras, um conto folclórico feito de altos e baixos, ao gosto daqueles romances populares com que Bunyan se

deleitou na sua desregrada juventude, possui, de fato, um firme esqueleto, no qual cada articulação indica um estágio preciso na psicologia puritana da conversão" (REIS, 2007, p. 204).

The Pilgrim's Progress foi publicado para ajudar os seus leitores a compreender como suas ações e atitudes afetam suas buscas espirituais e, ao lê-lo, eles precisam aprender a narrar suas próprias histórias e julgar seu progresso moral e espiritual. Bunyan utiliza diversos textos bíblicos para criar a paisagem na qual o Peregrino caminha. Sua alegoria combina imagens da Escritura, histórias populares e o motivo do *homo viator*, caminhante que procura transcender sua condição terrena, num movimento de retorno e de restauração de uma pátria perdida. *The Pilgrim's Progress* narra uma jornada através de um mundo criado por meio de palavras e histórias. Cristão, o protagonista, precisa discernir os sinais à sua volta, narrar sua história corretamente e o seu relato conduz os personagens que o seguem em sua jornada em direção à pátria celestial. O Peregrino caminha segundo as normas da Escritura e do plano divino. O seu destino final – a perdição ou salvação eterna – é também o destino ao qual, de acordo com a Bíblia, a história inteira da humanidade é dirigida (BERTSCH, 2004, p. 23-24).

1. Uma narrativa alegórica

The Pilgrim's Progress From This World To That Is To Come: Delivered Under The Similitude Of A Dream Wherein Is Discovered, The Manner Of His Setting Out, His Dangerous Journey; And Safe Arrival At The Desired Countrey é o título original de *O Peregrino* (POOLEY, 2010, p. 80). O seu "pathos psicológico, fluente eloquência narrativa, hábil utilização de recursos alegóricos e transparência linear da linguagem estimulam ainda hoje o interesse da crítica e motiva leituras que transcendem a intencionalidade doutrinária e moralista que subjaz à composição" (REIS, 2007, p. 203). Roger Sharrock, ao se referir a John Bunyan e a *O Peregrino*, afirma: "Um calvinista do século XVII sentou-se para escrever um tratado, mas produziu uma epopeia popular sobre a imaginação religiosa universal" (SHARROCK, 1987, p. 27).

No começo da obra, numa espécie de prólogo em verso – "Apologia do autor ao seu livro" –, Bunyan indica o recurso à alegoria, por meio da qual, de forma imprevista, iniciou a redação do *The Pilgrim's Progress*. Bunyan se refere à alegoria, mas também indica o papel que o acaso desempenha no processo de criação literária:

Quando no início, peguei da pena
 A escrever, mal imaginava a cena,
 Que fora compor assim um livrete.
 Não, pensava em outro motete,
 Mas, já quase concluído – por quê, não sei,
 Sem me dar conta, a este me atirei.
 E assim foi: eu, escrevendo sobre o anelo
 e a corrida dos santos nesta era do evangelho,
 Súbito vi-me enredado numa alegoria
 Sobre a viagem e o caminho à eterna alegria [...].

O recurso à alegoria, ou como afirma Bunyan, o recurso ao seu “método” de escrita, se fundamenta no exemplo no modo como Deus falou nas Escrituras:

Mas será devo eu buscar, procurar solidez,
 Porque falo em metáforas, mas com lucidez:
 Não foram as leis de Deus, do Evangelho, outrora,
 Expostas por símbolo, vagueza e metáfora? [...]
 Acaso temo dizer que a divina autoridade,
 Que com primor humilha toda sagacidade.
 É em todo canto dessas coisas tão plena
 (sombrios símiles, alegorias) [...]
 Creio que a ordem divina, por esse mundo afora
 Semelha esse método, no qual as causas, sem mora,
 Chamam uma coisa a expor a outra a reboque.

Essa definição de alegoria, formulada como “uma extensão da metáfora e como enunciação de um signo cujo significante refere um significado outro que não aquele que está normalmente associado”, segue o modelo da linguagem de Deus e procura instruir a mente no caminho da verdade. As regras do tipo poético-retórico que se constrói a literatura podem ser comparadas com a definição de alegoria como “metáfora, que é continuada por um tropo de pensamento e consiste na substituição do pensamento em causa, por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse pensamento em causa” (LAUSBERG, 1982, p. 249). A verdade, como “Deus a revelou por palavras, veladamente, por mediação simbólica, segundo o autor, é dada a conhecer para se tornar mais inteligível: velar para desvelar, no que sendo um paradoxo lógico é um expediente eficaz da linguagem de Deus, plausível na comunicação literária, que, como se sabe, segue liberdade

interditas à lógica" (REIS, 2007, p. 205). O leitor dos Evangelhos, "procura descobrir, por carneiros e novilhas, ovelhas e novilhos, bordados e braceiros, pássaros e ervas, e pelo sangue de cordeiros, o que Deus lhe falou, e feliz a raça que nessas coisas ache luz e graça". Essa forma alegórica de "comunicar a verdade, mesmo em bandagem rente, orienta o juízo, retifica a mente, afaga o entendimento, a vontade domina; também a lembrança preenche, ensina, com aquilo que deleita nossa imaginação" (BUNYAN, 2006, p. XIII-XIV).

O conteúdo religioso, apologético-didático de *The Pilgrims's Progress* é concebido, no final da "Apologia do autor ao seu livro", de modo a que o leitor siga o exemplo, por ação ou entendimento, da matéria que é narrada alegoricamente e que testemunha uma prática ou um exercício de purificação espiritual (REIS, 2007, p. 205):

Este livro perante teus olhos traceja,
O homem que ao prêmio perene almeja;
Mostra-te para onde ele vai, de onde vem.
O que deixa por fazer e o que faz também.
Ainda te mostra como corre, vivaz,
Pra chegar ao portão da glória e da paz [...]
Este livro de ti fará verdadeiro viajante.
E se por ele te deixares guiar adiante,
Até a terra santa te levará, nas monções,
Desde que compreenda as suas orientações.

Como narrativa alegórica, *The Pilgrim's Progress* transcorre no espaço impalpável do sonho, mas "revelador das etapas de uma viagem motivada pelo desejo de salvação da vida destrutiva vivida na 'Cidade da Destruição'", que pode representar "a cidade do homem, dominada pelas faltas que lhe são inerentes, ou, num nível mais consentâneo com a psicologia religiosa, figurando em três dimensões a impenitente consciência mundana" (REIS, 2007, p. 206). Aquele que sonha, identificado com algumas referências textuais e episódios da vida de John Bunyan –, com o próprio autor, é um "eu" que desempenha a função de narrador: "Andando pelas regiões desertas deste mundo, achei-me em certo lugar onde havia uma caverna; ali me deitei para dormir e, deitando, tive um sonho" (BUNYAN, 2006, p. 3); e o que ele sonhou constitui a matéria da narrativa que começa justamente ali. Ele sonhou com Cristão, o herói da narrativa, nome atribuído pelo próprio sonhador ao outro de si, nome do heterônimo de Bunyan enquanto peregrino espiritual (REIS, 2007, p. 206).

A apresentação do protagonista Cristão: “Eu vi um homem vestido de trapos, de pé em determinado lugar, com o rosto voltado para o lado oposto da própria casa, um livro na mão e um grande fardo às costas” (BUNYAN, 2006, p. 3), não poderia ser “mais pungente e denunciadora de uma aflitiva e dilacerante crise da sua consciência religiosa, o prenúncio da morte para as coisas do mundo e do começo da busca da regeneração total de si” (REIS, 2007, p. 206). A luta que Cristão empreende o deixa em grande angústia, que se expressa na repetição da pergunta: “Que devo fazer” [...] “Que devo fazer para ser salvo?” Então, no sonho do autor-narrador, Evangelista exorta Cristão a abandonar a “Cidade da Destruição” e a caminhar para a “Cidade Celestial”. Ele não caminha sozinho, pois “Fiel” e “Esperançoso” são seus companheiros de peregrinação, que o auxiliam em diferentes momentos da narrativa, ajudando-o a superar os obstáculos e as tentações movidas, entre outros oponentes, por “Interesse Próprio”, “Sábio-mundano”, “Tagarela”, “Gigante do Desespero”. A alegorização envolve a concepção das personagens, como indicam os nomes dos componentes do tribunal que, em certo momento da narrativa julgam a “Fiel”: “Sr. Cego”, “Sr. Injustiça”, “Sr. Malicioso”, “Sr. Lascívia”, “Sr. Libertino”, “Sr. Imprudência”, “Sr. Pretensioso”, “Sr. Malevolência”, “Sr. Mentiroso”, “Sr. Crueldade”, “Sr. Ódio-à-Luz” e “Sr. Implacável” (BUNYAN, 2006, p. 145), e se estende por lugares visitados por Cristão, como Lamaçal do Desalento, Casa do Intérprete, Palácio Belo, Vale da Humilhação, Vale da Sombra da Morte, Feira da Vaidade, Castelo da Dúvida,

Bunyan explora o potencial da estrutura de uma jornada e todas as pessoas que Cristão encontra na peregrinação podem atrapalhar ou ajudar o seu desenvolvimento. “Cristão” deve discernir quem é amigo ou inimigo, às vezes auxiliado por pessoas sábias como Evangelista; às vezes enganados por figuras tolas ou maliciosas como “Sábio segundo este mundo”. Mas dentro dessa rigidez de classificação há diversas funções, isto é, o composto “personagem” e “ação” (PROPP, 2006). Algumas personagens têm a função de oposição, provação ou retardamento da jornada. *The Pilgrims’s Progress* assemelha-se estruturalmente ao conto popular, além de conter personagens como *Apollyon*, parecido com um dragão, ou Casas de refúgio com mensagens misteriosas. O motivo da jornada estrutura a narrativa e os momentos nos quais ela é interrompida, como a Casa do Intérprete e o Palácio Belo, que são locais para descanso e instrução. Cristão precisa aprender a ler e interpretar

imagens, mas também entender como as experiências de outras pessoas podem nos ensinar (BERTSCH, 2004, p. 31-32).

2. John Bunyan e a Bíblia

O acesso à Bíblia impressa na língua inglesa era um fenômeno recente no século XVII. A tradução do Novo Testamento, de William Tyndale, é de 1526. A primeira Bíblia completa, editada por Miles Coverdale, é de 1535. A *Matthew Bible*, publicada em 1537, revisada por Coverdale e publicada em 1539, era conhecida como *Great Bible* por causa do seu tamanho. Em 1560, no começo do governo de Elisabeth I, outra tradução foi realizada por estudiosos protestantes que trabalhavam em Genebra. Essa tradução, conhecida como Bíblia de Genebra, tornou-se popular, mas suas anotações não agradavam aos bispos ingleses. Em 1568, uma revisão da *Great Bible* preparada por um grupo de bispos foi publicada, mas a Bíblia dos bispos ("Bishops' Bible"), como era conhecida, não conseguiu suplantar a Bíblia de Genebra, editada várias vezes entre 1568 e 1611. Tiago I considerava suas anotações parciais e sediciosas e, quando chegou ao poder, em 1603, convocou um grupo de estudiosos para preparar uma tradução que substituísse a Bíblia dos Bispos. Essa tradução, publicada em 1611, tornou-se a Versão Autorizada, ou *King James Bible*, e foi editada várias vezes entre 1611 e 1640. A Bíblia de Genebra continuou a ser publicada até 1644, mas em meados do século XVII a *King James Bible* superou as demais versões da Bíblia, estabelecendo-se como a versão mais popular da Bíblia na língua inglesa nos três séculos seguintes (OWENS, 2010, p. 40-41; HILL, 2003, p. 23-118).

A existência de várias versões da Bíblia gerava preocupações, pois se pensava que não era seguro deixar um livro tão importante nas mãos de pessoas comuns. Como a Bíblia era considerada um livro difícil, cujo significado estava aberto a diferentes interpretações, os tradutores e editores procuravam oferecer recursos que auxiliavam os leitores a lerem-na de forma eficaz e entendê-la, como a Bíblia de Genebra, que continha sumário dos livros e capítulos, cabeçalhos com o assunto no topo de suas páginas, mapas, genealogias, gráficos históricos e traduções de nomes hebraicos. Havia também um diagrama com orientações sobre "Como beneficiar-se com a leitura das Sagradas Escrituras", explicações do texto e encorajamento aos leitores a aplicar as histórias bíblicas às suas próprias situações. A *King James Bible* não tinha esses auxílios de leitura, de forma que surgiram publicações que ofereciam esse tipo de ajuda aos leitores. Devido a essa demanda, até mesmo muitas edições da *King James Bible* começaram a usar os auxílios de

leitura da Bíblia de Genebra, como comentários doutrinários, paráfrases e resumos, mas em especial orientações de como ler a Bíblia (OWENS, 2010, p. 41-42).

Outras estratégias de leitura foram propostas nesse período, como as listas de promessas da salvação presentes na Bíblia ou as sugestões para lê-la como auxílio para a meditação religiosa. Esse engajamento imaginativo com o texto bíblico como parte da experiência de leitura permite-nos falar de Bunyan, que apresenta seu desenvolvimento como leitor da Bíblia no livro *Grace Abounding to the Chief of the Sinners*, sua autobiografia espiritual. Bunyan afirma que, quando jovem, tinha prazer em ler a parte histórica da Bíblia, mas não gostava das cartas de Paulo e dos seus textos doutrinários. Ele lia a Bíblia por mero prazer, o que, para ele, indicava seu estado não regenerado. Quando sua vida foi mudada, Bunyan “passou a ver a Bíblia com novos olhos e a lê-la como nunca o fizera antes, em especial as Cartas de Paulo, que se tornaram doces e agradáveis”. Nessa época, ele não tinha ainda descoberto como ler a Bíblia a partir do que considerava sua compreensão espiritual, ou seja, como um leitor maduro (OWENS, 2010, p. 42).

A experiência de conversão de Bunyan foi marcada por lutas contra os textos da Escritura, pois se um texto parecia prometer esperança de salvação, em seguida ficava desesperado por causa de outro texto que o ameaçava com a condenação. Mas Bunyan aprendeu a interpretar a Bíblia de modo que não ficasse à mercê de textos aparentemente conflitantes. O princípio hermenêutico que descobriu é que nenhum dos livros ou textos da Escritura é em si mesmo decisivo. Ela precisa ser lida como um todo, ela é sua melhor intérprete. Persuadido da verdade desse princípio, Bunyan considera que suas aparentes contradições podiam ser resolvidas ao interpretar um texto à luz de outros textos (OWENS, 2010, p. 42-44).

O que subjaz a ideia de que a Bíblia é uma unidade é a crença de que o Antigo Testamento é um sinal do Novo Testamento. A Bíblia cristã incorporou a Bíblia hebraica, chamada pelos cristãos de Antigo Testamento. “Testamento” significa “aliança”, e ao falar “Antiga” e “Nova” aliança os cristãos queriam dizer que a aliança de Deus com Israel, pela qual Ele prometeu protegê-los como povo especial foi substituída pela nova aliança de Deus na pessoa de Cristo com a igreja. Para os antigos autores cristãos, pessoas, eventos e instituições do Antigo Testamento não são apenas tipos históricos, mas também prefigurações de pessoas, eventos e instituições do Novo Testamento. Essa interpretação, conhecida como tipológica, tornou-

se uma chave básica pela qual o Antigo Testamento era entendido pelos cristãos. Um fato narrado no Antigo Testamento – por exemplo, a saída dos israelitas do Egito – prefigura outro, o advento, a vida e paixão de Cristo, e se realiza nele em sua perfeição. O sacrifício de Isaque por Abraão prefigurara a morte sacrificial de Cristo, os três dias passados por Jonas no ventre do grande peixe simbolizam o tempo compreendido entre a morte e a ressurreição de Cristo. A serpente de bronze levantada no deserto por Moisés é entendida como uma prefiguração da crucificação de Cristo (Jo 3,14-15). A passagem dos israelitas pelo mar é um tipo de batismo de Cristo no Jordão e do batismo cristão em geral (1Co 10,1-4). Adão é um tipo de Cristo, o que significa que a obediência do “segundo Adão” desfaz o dano mortal causado pela desobediência do “primeiro Adão” (OWENS, 2010, p. 44-45; AUERBACH, 1997, p. 13-64; CHARITY, 1966).

Esse método de interpretação foi incorporado num sistema exegético mais elaborado, no qual a Escritura foi interpretada como tendo quatro sentidos. A teoria dos quatro sentidos – literal, alegórico, moral e anagógico – é resumida por um dístico latino tardio que diz: *Litera gesta docet, quid credas allegoria/ Moralis quid agas, quo tendas anagogia* (“A letra ensina os fatos; a alegoria, aquilo em que debes crer. O (sentido) moral, aquilo que debes fazer; a anagogia, aquilo a que debes tender”) (MINNIS, 2003, p. 231-256; LUBAC, 1998, p. 241-251). A Reforma Protestante rejeitou esse método de interpretação da Escritura, mas não a tipologia, que foi ampliada ao longo do século XVII, oferecendo não apenas um modo de entender o texto sagrado, mas também uma forma de aplicação das histórias bíblicas à vida e experiência dos seus leitores. Nas revoluções de meados do século XVII, muitas pessoas viam na Bíblia tipos proféticos de eventos que aconteciam na Inglaterra. Num sermão pregado no Parlamento em 1644, Herbert Palmer disse que a Bíblia continha “não apenas as histórias de coisas acontecidas naquela época, mas também que ela profetizava sobre os eventos futuros para as gerações seguintes”. A abordagem tipológica da Bíblia difundiu-se não apenas entre os puritanos. Thomas Charles deu graças a Deus pela restauração de Carlos II ao trono, considerando-o como “um Moisés para nos conduzir (...) um segundo Josué para dar a posse de Canaã aos redimidos” (OWENS, 2010, p. 44-45).

The Pilgrim's Progress e a Bíblia

The Pilgrim's Progress inicia-se com a descrição de um homem que lê a Bíblia, que é o modelo literário e a fonte dos exemplos utilizados no livro. A

metáfora da vida cristã como peregrinação, que tem grande suporte na tradição bíblica, deriva de Hebreus 11,13-16, uma passagem que, após afirmar que os patriarcas do Antigo Testamento eram “estrangeiros” e “peregrinos” sobre a terra, declara: “Eles aspiram, com efeito, a uma pátria melhor, isto é, a uma pátria celeste. É por isso que Deus não se envergonha de ser chamado o seu Deus. Pois, de fato, preparou-lhes uma cidade”. A Bíblia é a fonte da estrutura alegórica da peregrinação, pois de acordo com Bunyan a existência humana é uma forma de participação na história criada e estruturada por Deus. A paisagem na qual Cristão viaja é também fundada na narrativa da Escritura. Sair da Cidade da Destruição significa romper com um mundo sem sentido e participar num mundo que tem significado. Quando os peregrinos aceitam que Deus é o narrador da história e que têm um papel naquela história, eles entendem que precisam ler os sinais ao seu redor para compreender como assumir os papéis que lhes são assinalados (BERTSCH, 2004, p. 27). Os protagonistas individuais compartilham a experiência do deslocamento físico e espiritual numa relação direta com Deus, seguindo o modelo do Antigo Testamento que envolve tentação, desobediência, arrependimento e o contraste entre povo eleito e povo reprovado. A história do protagonista dá início à história da comunidade e do fiel (BERTSCH, 2004, p. 24).

Nos estágios iniciais da sua jornada, o Livro que Cristão recebe como sinal da sua eleição lhe fornece as palavras que são utilizadas na descrição de suas visões espirituais (BUNYAN, 2006, p. 7-14). Cristão não aprende a falar com segurança sem a Escritura. Ele desenvolve sua capacidade para empregar as palavras da Bíblia para descrever suas visões à sua audiência (BERTSCH, 2004, p. 25-26). Durante sua jornada, Cristão procura relembrar as lições da Escritura e compreender sua natureza, pois quanto mais compreende as palavras da Bíblia, tanto mais compreende a si mesmo (BERTSCH, 2004, p. 26). A Escritura contém passagens que têm um significado particular para ele e, em sua peregrinação, a leitura do Livro substitui a conversa com suas companhias. Esquecê-lo indica que ele não confia nos sinais e ensinamentos divinos.

Cristão cai na armadilha da autossuficiência quando esquece a importância da Escritura como guia de sua experiência subjetiva, interpretada de acordo com as lições e exemplos da Bíblia e da tentativa de reconciliar entre si as passagens da Escritura. Ele precisa lidar com a relação entre a Lei do Antigo Testamento e a graça no Novo Testamento. A paisagem da peregrinação deixa claro a tentativa de Bunyan de ler as Escrituras Sagradas como uma narrativa unificada (BERTSCH, 2004, p. 24). A história de Fiel, companheiro

de Cristão, por exemplo, descreve a sua experiência individual como um movimento do Antigo ao Novo Testamento, da lei carnal à graça espiritual. Ao pé do morro da Dificuldade, Fiel encontra Adão, que representa o pecado original e a tentação carnal:

Fiel: Chegando ao sopé do morro chamado Dificuldade, encontrei um homem bem idoso, que me perguntou quem eu era e para onde ia. Eu lhe disse que era um peregrino que seguia rumo à Cidade Celestial. Disse-me então o velho "Você parece ser um homem honesto. Será que não se disporia a ficar comigo, pelo salário que lhe pagarei? Perguntei então seu nome e onde ele morava. Respondeu-me que se chamava Adão, o primeiro e que morava na cidade do Engano. Eu lhe indaguei sobre o trabalho e que salário ele pagaria. Ele respondeu que o trabalho eram muitos prazeres e que, como salário, eu afinal seria o seu herdeiro.

– Perguntei ainda – continuou Fiel – o que havia em sua casa e que outros servos ele possuía. Respondeu-me que em sua casa havia todos os deleites do mundo, e que seus servos eram os que ele mesmo gerava. Disse-me que só tinha três filhas: Concupiscência da Carne, Concupiscência dos Olhos e Soberba da Vida (1Jo 2,16) e que eu poderia me casar com todas elas, se quisesse. Perguntei-lhe, finalmente, quanto tempo ele gostaria que eu morasse com ele. Respondeu-me: enquanto ele mesmo vivesse.

Cristão: Bom, e que conclusão chegaram você e o velho, afinal?

Fiel: Ora, de início me senti até inclinado a acompanhar o homem, pois achei que falava belas palavras, mas reparando a sua testa enquanto conversava com ele, li a seguinte frase: "Despe-te do velho homem com os seus feitos" (Cl 3,9) (BUNYAN, 2006, p. 95-96).

Adão tenta a Fiel com o desejo sensual e orgulho, mas ele escapa. Moisés, a figura da Lei, então, o espanca e o derruba no chão, deixando-o como morto, por se permitir ser tentado pelo mundo carnal:

Fiel: Mas ouça, bom irmão meu. Assim que o homem me alcançou, senti uma forte pancada, que me derrubou no chão. Quando eu voltava a mim, ainda tonto, perguntei por que fizera aquilo. Disse que era por causa da minha secreta atração pelo primeiro Adão, e dizendo isso, me desferiu outro golpe fortíssimo no peito, estirando-me no chão de costas. Assim, fiquei ali caído de novo aos seus pés como morto, e, quando voltei novamente a mim, clamei misericórdia. Ele, porém, disse: "Não sei o que é misericórdia". E novamente me atingiu. Certamente teria dado cabo de mim, mas então alguém chegou e mandou que parasse.

Cristão: Quem foi que mandou que ele parasse?

Fiel: Não o reconheci de início, mas via as cicatrizes nas mãos e no lado e conclui que era nosso Senhor (...)

Cristão: O homem que o golpeou era Moisés. Ele a ninguém poupa, e tampouco sabe demonstrar misericórdia para com aqueles que violam a sua lei.

Fiel: Eu bem o sei, não foi a primeira vez que me encontrei com ele. Foi ele quem me procurou, quando eu ainda morava na segurança do lar, e me disse que queimaria a casa sobre a minha cabeça se eu lá permanecesse.

Cristão: Mas você viu a casa que fica lá no cume do morro, do lado em que Moisés o alcançou?

Fiel: Vi, e vi também os leões antes de chegar até lá. Quanto a ele, acho que estavam dormindo, pois era por volta do meio-dia, e como tinha ainda boa parte do dia pela frente, passei pelo porteiro e desci o morro (BUNYAN, 2006, p. 96-97).

Jesus Cristo, a incorporação da graça divina, aparece para suplicar em favor de Fiel e capacitá-lo a continuar a jornada. Fiel demonstra como sua vida segue o modelo de uma história da salvação universal. A pessoa redimida precisa experimentar um movimento similar, que vai do pecado ao medo do julgamento, do desespero impotente à graça e salvação. Esse movimento é também a estrutura da história mais ampla de Cristão (BERTSCH, 2004, p. 24-25).

As experiências dos personagens de *The Pilgrim's Progress* estão também ancoradas na vida de personagens bíblicos. Quando Cristão, no Desfiladeiro da Dificuldade, perde o Livro – sua garantia de salvação – que recebera no início da viagem e retorna para procurá-lo, sua experiência é comparada à dos israelitas no deserto: “Amanhã, pois, fazei meia-volta e retornai ao deserto, na direção do mar de Suf” (Nm 14,25) (BUNYAN, 2006, p. 56-60). No julgamento de Cristão e Fiel na Feira da Vaidade, no seu discurso ao júri, o juiz Ódio-ao-bem menciona os atos passados do Faraó, que ordenou a morte dos meninos hebreus (Êx 1,22), de Nabucodonosor, que mandou lançar na fornalha ardente quem se recusasse a adorar a imagem de ouro que erguera (Dn 3,6), e de Dario, que afirmou que quem orasse a Deus, e não ao rei, seria lançado na cova dos leões (Dn 6,7) (BUNYAN, 2006, p. 132-133). Ao fazê-lo, Ódio-ao-bem liga-se a esses perseguidores do povo de Deus e associa Cristão e Fiel a Moisés, ao povo que saiu do Egito, aos três jovens que enfrentaram a fornalha ardente e sobreviveram e a Daniel, que sobreviveu à cova dos leões.

Há também um claro contraste entre a linguagem dos fiéis e a linguagem da sociedade mundana, que aparece no mesmo episódio. Quando Cristão e Fiel chegam à Feira da Vaidade, “pois a cidade é a mais frívola que a vaidade, e também porque tudo o que se vende ali ou que ali chega é a Vaidade”

(BUNYAN, 2006, p. 122), suas palavras são intoleráveis para a população da Feira, cujas palavras são caóticas, desarticuladas e abusivas. Cristão e Fiel não retribuíram "insulto com insulto, mas, pelo contrário, abençoavam e retribuíam o mal com boas palavras, e as injúrias com bondade" (BUNYAN, 2006, p. 126), mas os habitantes da Feira da Vaidade apresentam uma visão da sociedade humana como Babel:

Então vi no meu sonho que, ao sair do deserto, logo viram à frente uma cidade, e seu nome era Vaidade. Lá acontece uma feira chamada Feira das Vaidades, pois a cidade é mais frívola que a vaidade, e também porque tudo o que se vende ali ou que ali chega é Vaidade. (...) Essa feira não é negócio novo, mas muito antigo; vejam só a origem dela. Quase cinco mil anos atrás já havia peregrinações rumo à Cidade Celestial (...). Belzebu, Apoliom e Legião, com seus companheiros, percebendo que o caminho dos peregrinos rumo à cidade sempre passava por este local chamado Vaidade, planejaram então estabelecer ali uma feira, em que se vendesse toda sorte de vaidades, e que durasse o ano inteiro. Logo, nessa feira vende-se todo tipo de mercadorias, como casas, terras, negócios, lugares, honrarias, títulos, países, reinos, paixões, prazeres e deleites de toda espécie, como também meretrizes, cafetinas, esposas, maridos, filhos, senhores, servos, vidas, sangue, corpos, almas, prata, ouro, pérolas, pedras preciosas e tudo o mais (BUNYAN, 2006, p. 122-123).

Os habitantes da Feira da Vaidade brigam entre si. Eles não reconhecem regras comuns de comportamento e não demonstram consenso social. No julgamento, as testemunhas repetem e interpretam mal as palavras de Fiel. As testemunhas e os juízes não entendem o que ele diz. Como os vizinhos de Cristão, no início do livro, eles não entendem as Escrituras. Somente após a morte de Fiel, algumas pessoas entenderam o que havia acontecido. Seu exemplo resulta na conversão do Esperançoso, com a garantia de que mais homens da feira se seguirão (BUNYAN, 2006, p. 137). O discurso piedoso constrói a comunidade, mas o caos e a destruição são produtos do discurso dissonante e fragmentado do mundo.

O ato de ler a própria Bíblia é outro tema importante da narrativa. No começo de sua jornada, Cristão encontra o sr. Sábio-segundo-o-mundo, que lhe pergunta como ele se livrou do fardo que estava nas suas costas. "Ao ler este livro na minha mão", diz Cristão. O sr. Sábio-segundo-o-mundo acha uma péssima ideia ler a Bíblia: "O mesmo ocorreu a outros fracos, que, metendo-se com coisas elevadas demais para si, caem subitamente nessas mesmas dificuldades, que não só castram os homens – como vejo que

as suas lhez fizeram – mas os levam a aventuras desesperadas para alcançar nem eles sabem o quê” (BUNYAN, 2006, p. 17-18). Bunyan observa que o sr. Sábio-segundo-o-mundo não gosta de ler seriamente a Bíblia. Um exemplo de “leitura séria” da Bíblia é apresentado quando Prudência, Piedade e Caridade, no Palácio Belo, leem partes de Hebreus e descrevem alguns dos “atos dignos” que os santos realizaram, com o objetivo de ajudar Cristão a se preparar para a peregrinação: “Então leram para ele alguns atos meritórios que alguns dos seus servos haviam feito: como subjugaram reinos, executaram a justiça, alcançaram as promessas, fecharam as bocas de leões; aplacaram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza extraíram força, agigantaram-se na luta e fizeram bater em retirada exércitos de estrangeiros” (Hb 11,33-34) (BUNYAN, 2006, p. 71-72).

The Pilgrim's Progress destaca também o que pode ser considerado como formas erradas ou inadequadas de ler a Bíblia. Cristão e Fiel caminham um tempo com um personagem chamado Tagarela, que é um grande leitor da Bíblia e, inclusive, afirma: “Por exemplo, se o homem se deleita em falar da história ou do mistério das coisas, ou se adora falar de milagres, prodígios ou sinais, onde encontrará registro tão prazeroso, e tão belamente escrito, como nas Sagradas Escrituras?” (BUNYAN, 2006, p. 104). Tagarela concorda também que a salvação ocorre apenas pela graça, não pelo esforço humano: “Ai de mim! A falta é a causa por que tão poucos compreendem a necessidade da fé e da obra da graça na sua alma para alcançar a vida eterna. [...] Tudo isso sei muito bem, pois o homem nada pode receber a menos que lhe seja dado do Céu. Tudo provém da graça, não das obras. Eu poderia citar cem passagens bíblicas que confirmam isso” (BUNYAN, 2006, p. 105). Mas sua leitura bíblica é somente falatório e seu estado espiritual não corresponde às suas palavras. Nesse momento, Fiel recorre à interpretação tipológica das Escrituras ao mencionar os alimentos proibidos no Antigo Testamento, aplicando-a a Tagarela: “Isso me faz lembrar Moisés, quando determina as características do animal puro. Puro é o animal que tem o caso fendido e rumina, não o que tem somente casco fendido ou o que somente rumina. A lebre rumina, mas é mesmo assim impura, pois não tem o casco fendido. E de fato isso faz lembrar Tagarela; ele rumina, busca o conhecimento, rumina sobre a Palavra, mas não tem o casco fendido, não se aparta do caminho dos pecadores, pois, como a lebre, tem pé de cão ou urso e, portanto, é impuro (BUNYAN, 2006, p. 109-110).

No encontro de Cristão com *Apoliom*, elementos do conto e romance popular estão também revestidos de linguagem bíblica: “Ora, o monstro tinha

aparência apavorante. Era todo coberto de escamas como um peixe (e essas escamas são seu orgulho), tinha asas como dragão, patas de urso, e do seu ventre saíam fogo e fumaça, e a boca era como a de um leão" (BUNYAN, 2006, p. 77). Nenhum texto bíblico é mencionado, mas a passagem é uma alusão intertextual. *Apoliom* deriva de Apocalipse 9,11 e é também o nome do "anjo do abismo". Ao descrever sua aparência, Bunyan adapta detalhes da descrição do Leviatan de Jó 41 e Apocalipse 13,2: "O monstro que vi parecia uma pantera: os pés, contudo, eram como os de urso e sua boca como a mandíbula de um leão". Cristão derrota *Apoliom* não por sua própria força, mas por citar a Bíblia. As palavras de Miqueias 7,8: "Não te alegres por minha causa, minha inimiga: se cai, levantar-me-ei", e de Romanos 8,37: "Mas em tudo isso somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou" são a espada de dois gumes (Hb 4,12) que fere mortalmente a *Apoliom* e faz que ele se afaste: "Diante disso, *Apoliom* abriu suas asas de dragão e afastou-se ligeiro, e Cristão não mais o viu" (BUNYAN, 2006, p. 81).

Ao final de suas provas e peregrinações, Cristão, orientado de acordo com o ideal pedagógico puritano pela leitura da Bíblia e tendo por inseparável companheiro "Esperançoso", aproxima-se da morada final, prometida pela escatologia cristã:

Vi então no meu sonho que a essa altura os peregrinos deixavam o Solo Enfeitado e entravam na terra da Desposada, de ar bem doce e agradável. Como o caminho atravessasse essa terra, ali puderam se deleitar por certo tempo. Ouviam continuamente o canto dos pássaros, viam todo o dia as flores brotando da terra, e ouviam a voz dos pássaros. Nessa terra, o sol brilha noite e dia, pois já estavam além do Vale da Sombra da Morte e do alcance do gigante Desespero. Desse lugar tampouco se avistava o Castelo da Dúvida. Dali já enxergavam a cidade para onde se dirigiam (BUNYAN, 2006, p. 221-222).

Além do território da morte, fortalecido pela esperança, Cristão deve passar, primeiro, na terra de *Benlah*, a terra do povo eleito, apresentada no Antigo Testamento como uma terra regenerada e liberta do domínio dos inimigos, a terra escolhida por Deus para consumir o bem final. A descrição dessa morada deriva do imaginário profético-apocalíptico e da linguagem de Cântico dos Cânticos (REIS, 2007, p. 208):

Foi aqui também que se renovou a aliança entre a noiva e o noivo, e *assim como o noivo se alegra com a noiva, também o seu Deus deles se alegra*. Ali não lhes faltava nem trigo nem vinho, pois encontraram abundância daquilo que vinham buscando em toda a peregrinação. Ouviam vozes lá da cidade, altas vozes que diziam: *Dizei à filha de Sião: Eis que vem o teu Salvador; vem com ele a sua recompensa*. Todos os habitantes da terra os chamavam assim: *Povo santo, remidos do Senhor, procurados*, etc. (BUNYAN, 2006, p. 222).

O primeiro paraíso alcançado é ainda terreno. Ele indica um estado de glória transitivo, sendo uma espécie de Éden reconstituído no limiar do mundo, no qual apenas entram os que triunfam sobre a desordem da “cidade da destruição”. Na lógica profético-apocalíptica que permeia o Antigo e o Novo Testamento, a terra de *Beulah* corresponde à esperança da restauração na terra de um reino de plenitude e de justiça, anterior ao juízo final de Deus. *Beulah* equivale à terra da promessa, sendo a emanção mais próxima da morada celestial; por ela, Cristão e Esperançoso prosseguem em direção à cidade de Deus, cuja imagem deriva da Nova Jerusalém de Apocalipse:

Agora, caminhando por essa terra, tinham mais alegria do que noutras partes mais distantes do reino pelas quais seguiram e, à medida que se aproximavam da cidade, tinham dela uma vista cada vez mais perfeita. Era toda de pérolas e pedras preciosas. Também as ruas eram revestidas de ouro, de modo que, em virtude da glória natural da cidade e do reflexo dos raios solares sobre ela, Cristão se viu desfalecido de tanto desejo. Esperançoso também teve um ou dois acessos da mesma moléstia. Por causa disso se viram obrigados a parar por algum tempo, gritando em meio a tanta ansiedade: *Se encontrardes o meu amado, a ele dizei que desfaleço de amor* (BUNYAN, 2006, p. 222).

Após essa visão, Cristão, auxiliado pelos anjos, retoma a caminhada para o ápice da montanha, onde adentra no paraíso celestial, prometido pela escatologia cristã aos que se libertam do peso do ser-no-mundo (REIS, 2007, p. 208):

Subiram, pois, com muita agilidade e rapidez, embora a fundação em que se assentava a cidade fosse mais alta que as nuvens. Atravessaram as alturas do ar, mansamente conversando pelo caminho, consolados por terem passado o rio em segurança e pela companhia e o auxílio de seres tão gloriosos. Com os Seres Resplandecentes conversaram sobre a glória do lugar, e eles lhes disseram que a beleza e a glória eram simplesmente indizíveis.

Ali – disseram – estão o monte Sião, a Jerusalém celeste, o inumerável exército de anjos e os espíritos aperfeiçoados dos justos. Agora vocês estão indo para o paraíso de Deus, onde verão a árvore da vida e comerão dos seus frutos eternos. E quando lá chegarem, receberão mantos brancos, e viverão todos os dias ao lado do rei, por toda a eternidade (BUNYAN, 2007, p. 227-228).

Cristão e Esperançoso alcançam as portas da morada celeste e a ligação final estabelecida entre o paraíso terrestre e o paraíso celestial, isto é, o caminho que une a terra de *Beulah* à cidade celeste é apresentado como sendo de ouro puro: “Jamais verão as coisas que viram quando estavam nas regiões inferiores da terra – acrescentaram eles –, como a tristeza, a doença, a aflição e a morte” (BUNYAN, 2007, p. 228).

Considerações finais

A presença da Bíblia em *The Pilgrim's Progress* indica a imersão no texto considerado como a Palavra de Deus por seu autor, John Bunyan. Ele incorpora a linguagem da Bíblia e o seu texto está marcado por referências, frases e expressões bíblicas. Como obra que imita e faz a mediação entre seus leitores e a Bíblia, *The Pilgrim's Progress* tem a mesma função e autoridade da Escritura. Sua narrativa, que é um veículo para conduzir seus leitores à salvação, cria uma realidade alternativa para seus leitores. A comunicação entre os que creem cria um conjunto de significados compartilhados e padrões narrativos. A fonte desse consenso intersubjetivo reside na Escritura. O significado da Bíblia na experiência pessoal, na alegoria e imaginação transcende a letra da Escritura. A verdade e a vida residem na Bíblia, mas também aparecem nas histórias que afirmam e revelam a Bíblia como o significado oculto por trás de toda experiência pessoal, sejam as histórias autobiográficas ou fictícias. Bunyan celebra a narração como uma força construtiva e vital em si mesma. A Bíblia é uma história – é a história – e todas as boas histórias participam de seu poder e autoridade.

A interpretação bíblica de Bunyan destaca também a forma em que ela afeta e define a vida do indivíduo. O livro que não é nomeado e que causa a luta do Cristão é uma representação da Bíblia. Cristão precisa entendê-la para reconhecer a diferença entre a santidade que ela recomenda e sua vida sobrecarregada pelo pecado. A leitura e o entendimento das Escrituras como uma mensagem única, prática, mostram a Cristão aonde ir. Quando Cristão não tem ajuda, ele fica confuso. Ele sabe apenas que as pessoas que permanecem na Cidade da Destruição estão condenadas, mas sua fé na interpretação

da Bíblia realizada pelo Evangelista o conduz além de sua própria leitura e capacidade interpretativa (BERTSCH, 2004, p. 25). Como a Bíblia revela a relação dinâmica entre o livro e seus leitores, narrar a história de suas personagens significa desvendar a narrativa que define a existência humana. Se os leitores entenderem suas experiências de acordo com a história narrada por Deus, eles podem superar qualquer obstáculo. O caminho para a salvação está numa paisagem feita de sinais e significados. Alcançar o final da narrativa significa entrar na história de Deus. Quem procura a salvação deve aprender a interpretar a Bíblia para saber como peregrinar na história divina. Quem abandona a Cidade da Destruição, deixa atrás de si um mundo sem sentido e participa de um mundo pleno de significado.

Referências

- ADRIANO FILHO, José. *Pèlerinage de vie humaine*, de Guillaume de Digulleville. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. (Org.). **O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Bernardo do Campo/São Paulo: Editora Metodista/FAPESP, 2015, p. 329-354.
- AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.
- BERTSCH, Janet. **Storytelling in the Works of Bunyan, Grimmshausen, Defoe, and Schnabel**. Rochester, NY: Camden House, 2004, p. 23-45.
- BUNYAN, John. **The Pilgrim's Progress**. London: Penguin, 1987.
- BUNYAN, **O Peregrino**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- CHARITY, A. C. **Events and their Afterlife. The Dialectics of Christian Typology in the Bible and Dante**. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- HILL, Christopher. **A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de Retórica Literária**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.
- LUBAC, Henri de. **The Four Senses of the Scripture**. Vol. I. Grand Rapids/Edinburgh: Eerdmans/T & T Clark, 1998.
- MINNIS, A. J. *Quadruplex Sensus, Multiplex Modus. Interpretation & Allegory*. JON WHITMAN (Org.). Leiden: E. J. Brill, 2003, p. 231-256.
- OWENS, W. R. John Bunyan and the Bible. **The Cambridge Companion to Bunyan**. Anne Dunan-Page (Org.). Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 39-50.
- POOLEY, Roger Pooley. *The Pilgrim's Progress* and the line of allegory. In: **The Cambridge Companion to Bunyan**. Anne Dunan-Page (Org.). Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 80-94.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

REIS, José Eduardo. **Do Espírito da Utopia**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2007.

SHARROCK, Roger. "Introduction". In: BUNYAN, John. **The Pilgrim's Progress**. London: Penguin, 1987.

WHAREY, James Blanton. **A Study of the sources of Bunyans's Allegories**: With Special Reference to Digulleville's Pilgrimage of Man. Baltimore: J. H. Furst Company, 1904.

Submetido em: 23-9-2019

Aceito em: 14-11-2019